



Relato de experiência

Abordando gênero por meio de educação sexual para crianças e adolescentes: um relato de experiência

Addressing gender through sex education for children and adolescents: an experience report

Shirlei Mendes Faustino¹, Sabrina Mazo D’Affonseca²

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos-SP, Brasil

Resumo

O presente relato de experiência tem como objetivo descrever os efeitos de uma intervenção com a temática de sexualidade para promoção e prevenção de saúde e violência. Participaram 20 crianças de ambos os sexos com idades entre 07 e 13 anos que frequentavam as atividades de um projeto social no contraturno escolar em um município do interior de São Paulo. As crianças foram divididas em grupos de acordo com a idade (07-09 anos; 10-13 anos). Ao longo dos encontros foram trabalhadas questões referentes às mudanças físicas, sexualidade e abuso sexual a partir da leitura de livros, exposição de filmes e desenhos. Foi possível verificar mudanças nos comportamentos das crianças relacionadas a essas questões. Discute-se sobre os desafios observados na prática das atividades, buscando problematizar as questões que permeiam a temática, assim como ressaltar os efeitos da experiência para as crianças e adolescentes envolvidos no processo.

Abstract

The present experience report aims to describe the effects of an intervention with the theme of sexuality to promote health and prevent violence. Twenty children of both sexes, aged between 7 and 13 years, who attended the activities of a social project during school hours in a city in the interior of São Paulo, Brazil. Children were divided into two groups according to their age (07-09 years; 10-13 years). Throughout the meetings, issues related to physical changes, sexuality and sexual abuse were developed through the reading of books, exhibition of films and drawings. It was possible to verify changes in children's behavior related to these issues. It discusses the challenges observed in the practice of activities, seeking to problematize the issues that permeate the theme, as well as to highlight the effects of the experience for children and adolescents involved in the process.

Palavras-chave: Gênero, Educação, Adolescência, Sexualidade.

Keywords: Gender, Education, Adolescence, Sexuality.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0742-5605> E-mail: shirlei_preta_rotacao@hotmail.com

² Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9103-0616> E-mail: samazo@hotmail.com

Introdução

Atualmente, a discussão de sexualidade tem sido permeada por meio do binarismo de gênero “homem x mulher”. Realizar a abordagem de gênero partindo da desconstrução de conceitos como esse, pode ser um caminho para iniciar qualquer tipo de educação sexual, livre de preconceitos e estereótipos que nos são ensinados cotidianamente (POMBO, 2017).

Hoje, falar de educação sexual ainda é um tabu (BORGES, 2019). Talvez porque poucos têm a compreensão da complexidade que essa temática traz e da importância de desconstruir a ideia de sexualidade meramente como ato sexual. No entanto, promover educação sexual para crianças e adolescentes é contribuir para a promoção de saúde e para a prevenção de violência. Segundo a Organização Mundial de Saúde (2006), saúde sexual,

[...] é um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social em relação à sexualidade; não é apenas a ausência de doença, disfunção ou enfermidade. A saúde sexual requer uma abordagem positiva e respeitosa da sexualidade e das relações sexuais, bem como a possibilidade de experiências sexuais prazerosas e seguras, sem coerção, discriminação e violência. Para que a saúde sexual seja alcançada e mantida, os direitos sexuais de todas as pessoas devem ser respeitados, protegidos e cumpridos (WHO, 2006, p. 11).

Nesse sentido, a abordagem dessa temática é imprescindível em âmbito familiar e escolar.

A educação sexual nas escolas tem sido tratada no âmbito fisiológico, com enfoque em questões reprodutoras (BRÉTTAS; SILVA, 2005; HAMES; KEMPI, 2019). Em 2017, houve uma readequação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo suprimidos os termos “gênero” e “orientação sexual”, e substituídos por “erradicação de todas as formas de discriminação”, dando enfoque aos direitos humanos (FREIRE, 2018; DE SOUZA MONTEIRO; RIBEIRO, 2020). Enquanto na versão anterior a discussão da sexualidade era proposta como tema transversal, na atual a oclusão desse debate pode levar a consequências negativas para a prevenção, uma vez que a escola é considerada o local ideal para a detecção e intervenção em casos de abuso sexual (BRINO; WILLIAMS, 2003), assim como para outras formas de abuso que ocorrem comumente no ambiente familiar.

Enquanto o debate sobre sexualidade e gênero é oficialmente omitido do currículo e do cotidiano escolar dessas crianças e jovens, a escola, que deveria ter um papel central para o combate a todo tipo de violência (BRINO; WILLIAMS, 2003), contribui para o silenciamento e perpetuação das mesmas.

Muitos professores apresentam grandes dificuldades em abordar o tema e em considerar aspectos sociais, culturais, fisiológicos, éticos e filosóficos (BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2016). As famílias, por sua vez, também não têm dado conta de sanar essa deficiência de informação. Se os dois grandes pilares na educação desses jovens falham com eles, o que resta é buscar outras fontes de informações, que muitas vezes não são as mais adequadas como a internet, por exemplo.

A sexualização precoce a que crianças e adolescentes são expostos por meio da mídia em geral, seja por meio das redes sociais, programas de televisão, músicas, *outdoors*, traz um grande desafio para os educadores, que

precisam passar por cima dos seus próprios preconceitos e dar conta da complexidade que essa temática exige (DEMARCO et al., 2019). Afinal, tratar de sexualidade voltada para crianças e adolescentes, requer elucidar alguns conceitos que são importantes para esta temática, tais como: sexo, sexualidade, papéis de gênero, orientação sexual e violência.

Em primeiro lugar faz-se necessário identificar que há uma diferença entre os conceitos de sexo e sexualidade. Ao falar de sexo faz-se menção aos órgãos genitais ou à relação sexual, propriamente dita. Padilla (2017, p.22) destaca que “A Organização Mundial de Saúde (OMS) entende a sexualidade como sendo influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais”. Trabalhar educação sexual, não se remete somente à abordagem de relações sexuais, como o ato sexual em si, e sim, trazer questões e reflexões sobre o funcionamento do corpo, transformações que o corpo da criança sofre ao adentrar a fase da puberdade, além da prevenção às violências de cunho sexual etc.

Sobre o conceito de gênero a ONU Mulheres no Brasil destaca:

Gênero refere-se a papéis, comportamentos, atividades e atributos que uma dada sociedade em um dado momento considera apropriado para homens e mulheres. Além dos atributos sociais e oportunidades associadas com ser homem ou mulher e as relações entre mulheres e homens, meninas e meninos, o gênero também se refere às relações entre mulheres e aquelas entre os homens. Estes atributos, oportunidades e relações são socialmente construídas e são aprendidas por meio de processos de socialização. Elas são específicas a um contexto e a um tempo, bem como são mutáveis. O gênero determina o que é esperado, permitido e valorizado em uma mulher ou em um homem em um determinado contexto. (MACHADO FILHO, 2016, P. 17)

Esse perfil de homem ou de mulher, construído socialmente, está envolto por desigualdades, que têm colocado as mulheres em situações que resultam em desigualdade de acesso e oportunidades como no mercado de trabalho, na autonomia para decidirem sobre suas vidas, direitos reprodutivos e várias formas de violência, seja na esfera pública, como na esfera privada. Empoderar mulheres e meninas e alcançar igualdade de gênero, já é uma demanda para os países membros da Organização das Nações Unidas, destacados nas Metas Nacionais dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (BRASIL, 2018), visando à busca pela equidade. Esses papéis sociais pré-determinados com base no binarismo de gênero, excluem diferentes orientações sexuais agravando, assim, contextos de violência.

Já a orientação sexual, trata-se da atração afetiva ou erótica de cada indivíduo. Cardoso (2008) afirma que essa definição pode variar de acordo com a interpretação de cada autor, mas há um consenso que o conceito engloba tanto pessoas do mesmo sexo, quanto pessoas do sexo oposto, ou de ambos os sexos.

A importância da abordagem da violência se dá por meio do contexto histórico e social que estamos envolvidos, onde a violência se faz presente nos mais diversos âmbitos. Crianças e adolescentes são mais vulneráveis a

determinados tipos de maus tratos, principalmente em relacionamentos intrafamiliares (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS, 2016; FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA - UNICEF, 2018) que muitas vezes têm sido silenciados por relações emocionais entre os envolvidos; sentimentos de vergonha, culpa e responsabilização da vítima; e pela ocorrência comumente na própria casa da vítima/agressor, o que dificulta a identificação por terceiros (HABIGZANG; DA SILVA; KOLLER, 2011; LOINAZ; BIGAS; SOUSA, 2019).

O ano de 2019 teve 86,8 mil notificações pelo Disque Direitos Humanos, no que se refere a violações dos direitos de crianças e adolescentes, sendo que 17 mil ocorrências se referem a violência sexual (BRASIL, 2020). No mesmo ano o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) no município de São Carlos, estado de São Paulo, divulgou que 73% das notificações de violência foram contra crianças entre 0 e 12 anos de idade (SÃO CARLOS, 2018). Apesar de serem dados alarmantes, destaca-se a subnotificação dos casos, seja devido à omissão da família (ZAMBON et al., 2012); medo da revelação (ZAMBON et al., 2012; TAVEIRA et al., 2009; HABIGZANG; DA SILVA; KOLLER, 2011), dificuldades de diagnóstico, notificação e condução dos casos por parte dos profissionais da rede de proteção (ZAMBON et al., 2012; HABIGZANG et al., 2005; HABIGZANG; DA SILVA; KOLLER, 2011).

Dentro desse cenário, observa-se quão imprescindível se torna a educação sexual voltada para crianças e adolescentes, visando à promoção de saúde, empoderamento das meninas em questões que permeiam papéis sociais pré-determinados de gênero, respeito às diversidades e prevenção à violência.

O presente trabalho tem como objetivo descrever os efeitos de uma intervenção para crianças de 07 a 13 anos com a temática de sexualidade para promoção de saúde e prevenção de quaisquer tipos de abusos relacionados a questões de gênero, a partir de uma temática biopsicossocial.

Metodologia

Participantes

Participaram das atividades 20 crianças de ambos os sexos com idades entre 07 e 13 anos de idade, inscritos na Organização Não Governamental em um bairro periférico, localizado no município de São Carlos, no interior do Estado de São Paulo.

Local

A Casa da Infância Estrela da Manhã é uma instituição voltada para a educação infantil, que, na ocasião do desenvolvimento do projeto, atendia crianças de 01 a 04 anos de idade em período integral e crianças e adolescentes de 06 a 13 anos de idade, no contra turno escolar, residentes no entorno ou que se apresentavam em situação de risco e vulnerabilidade social. As crianças do contra turno faziam parte do Projeto Crescer Criança, cujo objetivo era desenvolver oficinas com enfoque lúdico e inserção social. O Projeto Político Pedagógico da instituição visa o respeito à infância e o brincar, como imprescindível ao desenvolvimento infantil, a autonomia da criança,

incentiva ações de inserção cultural, visando um desenvolvimento integral das crianças.

Procedimento

O projeto ocorreu durante o ano de 2017, após a constatação da falta de conhecimento das crianças sobre vários assuntos que dizem respeito a si próprias em seu cotidiano. Relatavam situações que ocorriam no seu entorno, como gravidez na adolescência ou violência de gênero, de forma naturalizada. Essa observação foi discutida na reunião pedagógica e posteriormente em uma roda de conversa com os pais e responsáveis, para que estivessem a par da temática trabalhada com seus filhos. Nessa conversa, muitos pais relataram a importância de dialogar com as crianças sobre sexualidade, uma vez que a maioria deles não se sentia à vontade para abordar tais assuntos. Sendo assim, foi elaborada uma oficina, com informações pertinentes à fase de cada criança, como: descoberta do corpo, puberdade, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência e prevenção a abusos sexuais, que partissem de dúvidas e questionamentos das próprias crianças sobre papéis de gênero, orientação sexual e o próprio ato sexual.

Tratar de educação sexual voltada para crianças e adolescentes é um desafio, já que traz à tona assuntos que nossa sociedade visualiza como tabu. Nesse sentido, buscou-se fazer um levantamento bibliográfico com base em documentos oficiais, que norteiam a temática em nível internacional e nacional e orientam para a construção de políticas públicas voltadas a esse público, bem como estabelecer um diálogo com autores que abordam questões da sexualidade que convergem com a orientação de tais documentos. A escolha de determinadas bibliografias utilizadas na aplicação do projeto se deu devido a facilidade de utilizar o acervo próprio da instituição e fez parte de um objetivo maior, que perpassa a apropriação da biblioteca que a escola dispõe.

Os momentos que seguem, inicialmente foram orientados por trabalhos parecidos já desenvolvidos em contexto escolar, com crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, tomando por base as orientações da Caderneta de Saúde do Adolescente disponibilizada pelo Ministério da Saúde. À medida que os encontros foram ocorrendo, foi-se avaliando se deveriam surgir alterações, de acordo com a demanda de cada grupo, como por exemplo, a falta de participação dos meninos em um grupo misto.

Uma das temáticas frisada durante a aplicação do projeto foi a violência sexual. Durante os encontros, foi possível identificar que muitos não estavam preparados para identificar e evitar uma possível situação de abuso. Além disso, foi identificado um caso de violência sexual intrafamiliar, sendo necessário realizar a notificação do caso ao Conselho Tutelar, tendo como desfecho o acolhimento institucional da criança.

Por se tratar de crianças com faixas etárias distintas, os participantes foram separados em dois grupos: (1) 10 crianças de 07 a 09 anos e (2) 10 crianças entre 10 e 13 anos de idade. Durante as discussões do segundo grupo, foi identificada a dificuldade que os meninos tinham de se expressar e tirar dúvidas perto das meninas, o que levou a uma subdivisão do mesmo, em um grupo menor de meninos e outro de meninas, com o intuito de deixá-los mais à vontade durante a intervenção.

A seguir serão descritas as atividades realizadas com cada grupo.

Grupo 01 (07 a 09 anos)

1º momento:

Dinâmica: Conhecendo meu corpo. Como ele é hoje e como será futuramente. As crianças desenharam como é o corpo de uma menina e de um menino sem roupa e como esses corpos ficariam depois de adultos. Após a construção do desenho em grupo, cada criança contribuiu com suas impressões sobre o corpo desenhado. O objetivo da atividade foi fazer uma sondagem inicial para identificar quais informações o grupo teria sobre o corpo da criança e do adulto e o que seriam as partes íntimas para eles.

2º momento:

Foi realizada uma contação de história baseada no livro “Pipo e Fifi: Prevenção de violência sexual na infância”, escrito em 2013 por Caroline Arcari, que tem como pano de fundo a história de dois monstros ensinando quais são as partes íntimas do nosso corpo, quem pode nos tocar e como dizer "Não" para prevenção de abusos sexuais. O objetivo dessa atividade foi trazer uma discussão séria, de forma lúdica e mostrar as diversas formas de proteção a abusos sexuais.

3º momento:

Foi-lhes apresentado o jogo de tabuleiro Trilha da Proteção, que, baseado no livro Pipo e Fifi, contribui para avaliar o conhecimento das crianças sobre os caminhos a se seguir para proteger-se de qualquer tipo de abuso sexual.

4º momento:

Foi realizada a leitura do livro “De onde vêm os bebês?”, escrito em 1988, de autoria de Andrew C. Andry e Stevaen Schepp, que mostra como os bebês entram na barriga da mãe e como se desenvolvem lá dentro. A leitura do livro foi seguida por um teatro com bonecos sexuados, onde foi feita uma demonstração de forma lúdica, como os bebês vão parar na barriga da mãe. Uma das questões que surgiu das próprias crianças, e que norteou o próximo momento, foi: "como os bebês saem da barriga da mãe". Cada criança saiu com a missão de perguntar à mãe, como foi o seu nascimento.

5º momento:

Ao contarem como foi seu nascimento, algumas delas relataram ficar impressionadas ao saber que nasceram pela vagina. Outras apresentaram dúvidas de "como um bebê conseguiria sair sozinho por um buraco tão pequeno como a vagina?". Após os relatos as crianças assistiram imagens reais de uma cesárea e de um parto natural. Após as oficinas foi possível identificar um grupo de meninas brincando de bonecas. Uma delas colocou a boneca dentro da blusa e disse: "doutor não preciso da sua ajuda, vai ser parto normal"; em um momento de brincadeiras livres, alguns meninos abriram o livro de biologia e com massinha de modelar moldaram os órgãos genitais.

6º e último momento:

Foi feita a leitura do livro “Mãe botou um ovo”, escrito em 1993, por Babette Cole e Lenice Bueno da Silva, que de forma lúdica conta a história de pais de dois garotos, tentando contar para os filhos como eles vieram ao mundo. A história traz vários mitos como o da cegonha e sementes de bebês plantados em vasos de plantas, até que os filhos mostram para os pais, que não há motivos para terem vergonha, pois eles já sabem a história verdadeira. O objetivo da leitura foi identificar se restaram quaisquer tipos de dúvidas sobre o assunto da concepção e do nascimento. Ao longo da história, as próprias crianças foram desconstruindo os mitos e mostrando todo o conhecimento acumulado durante as atividades.

O objetivo da intervenção com os menores foi trazer questões para reflexão, de acordo com questionamentos trazidos pelas próprias crianças, bem como desmistificar ideias de sexualidade que são comuns nessa idade.

Grupo 02 (10 a 13 anos)

1º momento:

Para realizar uma sondagem inicial dos conhecimentos prévios, foi realizada uma dinâmica sobre os órgãos genitais. Foi-lhes apresentadas imagens do pênis, da vulva e do ânus, respectivamente, a fim de que eles nomeassem os órgãos de acordo com nomes populares que eles conhecessem. Para o pênis apareceram nomes como: caralho, pinto, piroca, pau, cassete, tora etc.; para a vulva nomes como: xoxota, xoxinha, buceta, barata, pombinha, perereca, cabeluda e etc.; e finalmente para o ânus, alguns dos nomes foram: cú, buraco negro, fiofó, caverna do pau, furico, toba etc. Esse momento promoveu grande descontração, já que são nomes que carregam grande tabu, e não podem ser mencionados em qualquer ocasião. Após a atividade refletimos acerca de cada órgão, como por exemplo, qual o motivo dos "apelidos" do pênis fazerem menção a algo grande, forte e potente, enquanto os da vulva, não parecerem ofensivos e, muitas vezes ter conotação infantil. Já os apelidos que referenciam o ânus, são obscuros, como algo que pode representar algum perigo se explorado.

2º momento:

Para desconstrução dos papéis de gênero, as crianças realizaram uma atividade em que descreveram o que consideravam brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas. Em seguida, fizeram a mesma atividade pensando em adultos e descreveram como um homem deve ser e como uma mulher deve ser. Sobre as brincadeiras listadas para os meninos apareceram carrinho, bola, pipa, fantasias de herói etc.; já algumas brincadeiras de meninas citadas foram bonecas, panelinhas, maquiagem etc.; sobre o que se espera de um homem adulto foi destacada a importância dele trabalhar, ser forte e cuidar dos filhos. Sobre a mulher adulta apareceram relatos de que ela seja bonita, educada, boa mãe, fiel ao marido ou namorado etc. Após a atividade realizada, foi feita uma apresentação em Power Point, explicando o que são estereótipos de gênero e qual a influência das brincadeiras de infância, ditada por regras de gênero, na vida adulta dos envolvidos. De acordo com Cerqueira-Santos e Bourne (2016), os grupos infantis estabelecem suas

brincadeiras de acordo com regras de gênero, que ditam papéis a ser desempenhados por cada um deles.

3º momento:

Para discutir saúde do adolescente, o ponto de partida foi a puberdade. O material de apoio utilizado foi a Caderneta de Saúde do Adolescente desenvolvida pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2013). Foram-lhes apresentadas imagens do corpo de uma criança e quais as mudanças fisiológicas que o corpo de cada um passa ao longo do desenvolvimento; o que é menarca, quando pode acontecer e como saber quais os sinais que o corpo apresenta para a primeira menstruação, bem como o que muda na vida da adolescente após esse período; o que é ejaculação, de onde vem o espermatozoide e o que muda na vida do adolescente após esse momento.

4º momento:

Após a apresentação de algumas imagens dos órgãos internos, surgiram várias dúvidas sobre o funcionamento deles. Partindo dessa necessidade, esse momento foi guiado pela apresentação de peças anatômicas do aparelho reprodutor, com explicação da função de cada órgão envolvido. Os kits anatômicos utilizados são peças de um grande quebra-cabeças, portanto, após a explanação do funcionamento fisiológico, as crianças tiveram a oportunidade de desmontar e montar o aparelho reprodutor.

5º momento:

Após a exposição sobre a fisiologia de alguns órgãos relacionados ao aparelho reprodutor, foram apresentadas algumas formas de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), quais são as consequências biológicas e sociais de gravidez precoce, bem como formas de prevenção a ambas situações. Dias e Aquino (2006) ressaltam o ônus social que a gravidez precoce apresenta sobre a adolescente e sua família, principalmente no que tange a contextos de vulnerabilidades sociais.

6º momento:

Para iniciar a discussão sobre abuso sexual, as crianças assistiram à animação "O Segredo de Nara" de autoria de Kim (2015), que conta história de uma criança abusada sexualmente por um vizinho que os pais confiavam para olhar a criança com certa frequência. Muitas vezes na ausência dos pais, o vizinho visita a cama de Nara, passando a mão sobre seu corpo e auxiliando-a nos momentos de banho. Ele diz á garotinha que esse é um segredo entre os dois, que se um dia, os pais ficarem sabendo, não vão mais gostar dela da mesma forma. A menina não consegue lidar com o terrível segredo e começa a ter pesadelos noturnos, seu rendimento escola cai drasticamente e se afasta até mesmo dos amiguinhos de escola. Após assistirem à animação as crianças descreveram o que fariam se estivessem no lugar da Nara. O objetivo dessa atividade foi identificar o que eles acham que é abuso e quais as formas de se defender. Foi uma atividade importante para sondar o conhecimento deles acerca das formas de proteção ao abuso sexual, assim como citar outras formas de pedir ajuda que supostamente eles desconheçam.

7º momento:

Qual a diferença entre Violência sexual, Abuso sexual e Exploração sexual infantil? A abordagem dessa temática foi embasada nos estudos de Lowenkron (2010), que destaca a violência sexual contra crianças e adolescentes como um fenômeno social e político, cujo enfoque reflete o momento histórico que o tema é referido. Ao definir abuso sexual infantil, a autora destaca “que o consentimento sexual da criança não é considerado válido, de modo que ela é sempre vista como objeto de satisfação”. Já em relação à Exploração Sexual Infantil, a criança passa a ser tratada como mercadoria, não só como objeto de satisfação.

Após a explanação sobre as definições, foram apresentados alguns casos de pessoas famosas ou que, de alguma maneira, ganharam visibilidade na mídia, relacionados aos temas supracitados e realizada uma discussão posterior de qual o impacto emocional, causado na vida dessas pessoas.

Para refletir sobre exploração sexual, foi apresentado o filme "Anjos do Sol" de Lagmemann (2015), que retrata a vida de meninas usadas para comércio sexual. A maioria delas chega às mãos dos aliciadores devido a pouca ou nenhuma condição financeira dos familiares, outras por meio de contrabando, mas, todas elas são drasticamente escravizadas sexualmente, e não têm nenhuma outra opção de vida, nem como fugir dessa situação. O objetivo de passar um filme tão chocante é mostrar que essa pode ser uma situação não tão distante da realidade deles, e que até a ingenuidade dos pais, pode contribuir para esse acontecimento.

8º momento:

Ainda sobre abuso sexual, foi apresentada a reportagem do Arquivo N – Globo News (2015), sobre a história de Araceli, criança que inspirou a instauração do dia 18 de maio (Dia Nacional de Combate à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes). Araceli foi vítima de um descuido da família em deixá-la só, bem como da ingenuidade de uma criança em aceitar o convite de um estranho. O caso repercutiu nacionalmente na década de 1970 e se apresentou bastante propício para alertá-los em relação a pessoas estranhas oferecendo qualquer tipo de presente ou chamando para conhecer algum lugar. Ao final, foram apresentados quais os números que eles podem ligar para fazer denúncia sobre a suspeita de abuso sexual.

9º momento:

Sobre o respeito à diversidade, foi apresentado um filme intitulado "Meninos não choram" de Peirce (2016). O filme é baseado na história real de Brandon Teena, um homem transexual, que foi estuprado, violentado e assassinado em uma cidade do interior dos EUA. No filme, o adolescente transexual se apaixona por uma garota com quem pretende se relacionar. No entanto, quando um dos familiares da garota descobre o seu "segredo", acaba sendo protagonista de um crime brutal de estupro contra Brandon. Após a apresentação do filme, as crianças receberam a visita de uma ativista do movimento transexual, que, relatou sua história de vida, os problemas familiares e escolares, e a maior dificuldade que enfrentou e ainda enfrenta, de ser aceita no mercado de trabalho formal. O contato com uma pessoa real, que não fosse somente em filmes ou imagens da internet, conhecer a história

de vida e observar a voz trêmula emocionada relatando o sofrimento que enfrenta somente por ser diferente, foi uma experiência indescritível para as crianças.

Após o relato e roda de conversa foi possível observar mudanças de atitude nas crianças, principalmente em relação à tolerância e respeito à diversidade. Brincadeiras e atitudes, antes naturalizadas, como xingamentos homofóbicos, começaram a ser repensados por eles. Falas como: “seu viadinho” ou “sua sapatão” começaram a ser corrigidas pelos próprios colegas que ouviam.

10º momento:

Todas as discussões anteriores foram fundamentais para embasar a importância de que cada um tem direito a decidir o que fazer com o próprio corpo. Nesse sentido, foi apresentada a discussão do aborto enquanto questão de saúde pública, como funcionam as leis brasileiras para o direito ao aborto, e quais as estatísticas de mortes por aborto em clínicas clandestinas, traumas físicos e psicológicos de tal ato; bem como, quais as consequências sociais para mães que não realizaram o aborto, mas precisam dar conta de uma gravidez indesejada (BRASIL, 2009). Para esse momento foram apresentadas imagens de clínicas clandestinas e da situação de saúde que as sobreviventes ficam após o aborto. Em seguida foi feita a reflexão do por que essa carga fica somente com a mulher e o homem não é responsabilizado.

Durante as discussões, foi possível observar que a participação dos meninos estava aquém do ideal. As meninas participavam e tiravam dúvidas, enquanto os meninos se retraíam cada vez mais. Para solucionar o problema, o grupo foi subdividido em grupo de meninos e grupo de meninas, no intuito de deixá-los à vontade para colocar questões pessoais que o sexo oposto poderia intimidar.

Grupo de Meninas	Grupo de Meninos
<p>1º momento: Para falar de sexualidade feminina as crianças tiveram contato com as peças anatômicas do tronco e aparelho reprodutor. O objetivo foi explicar como é formada a mama, porque dói se apertada de forma abrupta; qual a anatomia da vulva e para que serve o clitóris; porque as meninas tem mais gordura corporal e qual a relação com os hormônios que o corpo feminino produz; porque as meninas menstruam e quais as mudanças que o útero sofre na presença de um feto; quais os métodos contraceptivos e como usar cada um deles;</p>	<p>1º momento: O primeiro encontro só de meninos, seguiu a mesma linha utilizada no grupo com as meninas. A discussão iniciou-se por meio das peças anatômicas e o funcionamento dos órgãos internos e da anatomia masculina. Apresentação do aparelho reprodutor masculino, com enfoque na próstata e quais os cuidados necessários para promoção de saúde do homem. Como os espermatozoides são formados e porque o pênis fica ereto. Quais são os hormônios sexuais masculinos e para que servem;</p>
<p>2º momento: Ainda sobre menstruação, foi observado que apenas duas das meninas já tinham menstruado. Então nesse momento, foram apresentados quais tipos de absorventes e coletores menstruais existem, como colocar cada um e quais os sintomas que o corpo apresenta quando a menarca está próxima. Foi um momento interessante, pois cada</p>	<p>2º momento: Foi lançada uma discussão sobre quais as responsabilidades do homem perante uma gravidez indesejada. Para esse momento foi apresentado um estudo de caso sobre um casal de amigos que ficaram uma única vez e engravidaram. Uma gravidez indesejada atrapalharia os planos de ambos. Nesse sentido, os meninos deveriam apontar caminhos</p>

<p>menina pode tocar e visualizar as várias opções de conter o fluxo menstrual e tirar dúvidas que, segundo elas, não se sentiam a vontade de tirar com os pais; Após a atividade foram apresentados os preservativos masculino e feminino, seguido de uma simulação de como utilizá-los.</p>	<p>para ajudar o casal a resolver a situação. Após a atividade foram apresentados os preservativos masculino e feminino, seguido de uma simulação de como utilizá-los.</p>
<p>3º momento: Foi retomada a explanação sobre papéis de gênero feita com o grupo todo, que retratam a mulher como frágil, sentimental, cuidadora, bela etc., para demonstrar o quanto a mulher sai perdendo com o machismo, mas como ela também é sujeita da sua situação (LOVATTO, 2011). Após esse momento, foi feita uma apresentação da influência dos contos de fadas nas escolhas de meninas e mulheres ao longo da vida. O objetivo foi desconstruir a ideia, de que a busca pela felicidade feminina deve ser esperar que o "príncipe encantado" a salve e que o casamento traga filhos para ser "feliz para todo o sempre" (DOWLING, 1985). Após essa reflexão, as crianças perceberam que existem outras conquistas que a mulher pode ter na vida e citaram realizações como conhecer coisas novas, passear pelo mundo, trabalhar com o que gosta etc.;</p>	<p>3º momento: Para falar sobre a construção da masculinidade e os papéis de gênero atribuídos ao mundo masculino, foi feita uma retomada das explicações anteriores, desde a construção de brincadeiras, em que os meninos devem ser destemidos e não se mostrar inseguros em nenhuma situação, ao que lhes é cobrado na adolescência como, por exemplo, ser forte, trabalhar, estar pronto para proteger, nunca apresentar sinais de fragilidade etc., bem como, qual a importância da desconstrução dos estereótipos (BALISCEI et al., 2016). Foram apresentados alguns desenhos animados que reforçam o estereótipo de gênero, como Popeye, que o personagem principal é forte e está sempre alerta para salvar sua donzela apaixonada, que por sua vez é incapaz de se salvar sozinha ou Johnny Bravo, cujo personagem é forte, bonito e está sempre em busca de mulheres bonitas. Posteriormente, todos refletiram sobre o impacto desses desenhos na intolerância às diferenças.</p>
<p>4º momento: As meninas conheceram a ementa da Escola de Princesas, cujo projeto piloto se deu em Uberaba - Minas Gerais, que em sua propaganda traz o seguinte slogan: "O passo mais importante na vida de uma mulher, é sem dúvida alguma o matrimônio. Nem mesmo a realização profissional supera as expectativas do sonho de um bom casamento. Enfim, a ideia do felizes para sempre é o sonho de toda princesa". Após essa apresentação foi debatido a importância do desprincesamento e desconstrução dos estereótipos de gênero para o empoderamento feminino e respeito ao próximo.</p>	<p>4º momento: Foi feita uma apresentação de como a pornografia contribui para a distorção da forma que o homem se vê e conseqüentemente como ele vê a mulher (PINTO; AMARAL MADUREIRA, 2018); O objetivo dessa atividade foi demonstrar que apesar da posição de privilégio frente ao machismo, o homem também sofre com toda essa cobrança.</p>
<p>5º momento e última atividade: Foi realizada a dinâmica da caixa da sexualidade. Cada menina recebeu papel e lápis, e poderia escrever qualquer dúvida sobre sexualidade que passasse pela cabeça. As únicas regras eram: não colocar nome e serem dúvidas que elas jamais conseguiram perguntar para alguém. Todas escreveram anonimamente e depois lemos uma a uma a fim de responder para todas. Algumas das perguntas que surgiram foram: ▫ "mulher também sente prazer no</p>	<p>5º momento e última atividade: Assim como no grupo das meninas, foi realizada a dinâmica da caixa da sexualidade. Cada menino recebeu papel e lápis, e poderia escrever qualquer dúvida sobre sexualidade que passasse pela cabeça. As únicas regras eram: não colocar nome e serem dúvidas que elas jamais conseguiram perguntar para alguém. Todos escreveram anonimamente e depois lemos uma a uma a fim de responder para todos. Algumas das perguntas que vale ressaltar são:</p>

<p>sexo?"</p> <ul style="list-style-type: none"> ▫ "o que é orgasmo?" ▫ "o homem consegue chupar o próprio pênis?" ▫ "mulher também goza?" ▫ "absorvente íntimo tira a virgindade?" 	<ul style="list-style-type: none"> ▫ "todo menino precisa se masturbar?" ▫ "é verdade que, se eu não puxar a pele do pênis todo dia não vou conseguir ter a relação sexual?" ▫ "posso usar duas camisinhas ao mesmo tempo?" ▫ "posso reaproveitar a camisinha?" ▫ "Como é o gozo da mulher?"
---	---

Foi possível observar que a separação dos grupos por gênero foi extremamente positiva, tendo em vista que a participação dos meninos se tornou mais efetiva, e as meninas passaram a trazer mais questionamentos sobre funcionamento do próprio corpo, que antes sentiam-se intimidadas a fazê-lo. Duas questões foram amplamente debatidas de acordo com os interesses de cada grupo. No grupo das meninas, a questão dos papéis de gênero e o desprincesamento trouxeram reflexões importantes sobre a figura feminina que elas tinham como ideal, e se realmente precisavam se encaixar no padrão proposto. No grupo dos meninos, a questão que mais despertou interesse foi a pornografia, já que a maneira como essa questão é colocada socialmente, os coloca na posição de meros espectadores, que aguardam ansiosos o momento de ter acesso ao mercado pornográfico, como é oferecido, sem questionar o que é real e o que é construído para atender um mercado. Foram feitas algumas discussões em relação à maneira que a figura feminina é apresentada na pornografia, bem como as cobranças de padrões de beleza, bem como o papel social de virilidade constante, que o homem é cobrado nesses espaços. Em ambos os grupos, foi possível realizar reflexões sobre quais papéis eles pretendem assumir em suas vidas.

Ao término do 6º momento, em que foi exposta a animação “O Segredo de Nara”, foi possível observar certo incômodo por parte de algumas das crianças. Partindo dessa observação, a temática foi amplamente debatida, por meio de exposição de situações fictícias para que as crianças e os adolescentes pensassem em possíveis soluções para ajudar os personagens.

O último momento, já com grupos divididos por gênero, foi decisivo para sanar possíveis dúvidas que poderiam ter ficado para trás, bem como para mensurar o nível de aprendizado dos participantes.

Conclusões e desafios

Vivenciar a sexualidade pode ser sinônimo de bem estar. Esse mesmo bem estar pode ser adquirido de diversas formas, podendo perpassar, desde uma simples percepção de sentir-se feliz quando o vento lhe toca a face, como o prazer do ato sexual em si.

Para trabalhar educação sexual com crianças e adolescentes, faz-se necessário despir-se de preconceitos e crenças pessoais, para lidar com tabus e temáticas mal explicadas por adultos que desempenham o papel social de serem referência para essas crianças, sem deixar de lado a busca pelo bem estar pessoal e relacional.

O projeto social que as crianças estão inseridas procura incentivar o contato com obras de arte, sensibilização por meio da música e expressão corporal, apropriação do que causa prazer por meio da arte e teatro. A

sensação de bem estar pessoal que ações como essas causam na vida das crianças, é nada mais que vivenciar a essência da sexualidade humana. Esse ambiente colaborou para o desenvolvimento das oficinas, que buscou proporcionar a integralidade da discussão de sexualidade.

Um dos maiores desafios deste trabalho foi atingir a compreensão dos pais, de que trabalhar educação sexual com uma criança de 07 anos, não é estimular a sexualização precoce, e sim engendrar prevenção a abusos. A maioria demonstrou não compreender a complexidade da temática. Já os pais dos mais velhos entenderam como uma medida de prevenção à gravidez e IST's, comuns nessa idade. Acreditamos que, posteriormente um trabalho em conjunto com os familiares deveria ser realizado, a fim de demonstrar o quanto eles podem ser sujeitos no processo educacional da sexualidade das crianças, tendo em vista que, são a primeira maior referência na vida deles. Houve também uma minoria, que se mostrou parceira desse processo. Algumas crianças voltavam para o dia subsequente, inclusive com dúvidas colocadas pelos próprios pais. Essa relação foi bastante positiva, já que, é importante contribuir para estabelecer vínculos entre os familiares e as crianças.

Durante a execução das oficinas, foi destacada a importância da desconstrução de estereótipos de gênero já enraizados para o respeito à diversidade. A diferença de comportamento das crianças no momento da sondagem inicial, em comparação ao fim da oficina, fica cada vez mais evidente, à medida que a empatia vai tomando forma, e os apelidos homofóbicos vão sendo deixados de lado. Presenciar o relato de uma ativista do movimento trans foi fundamental para se colocar no lugar do outro. A maneira emocionada que a convidada narra sua história de vida, fez com que as crianças vivenciassem junto com ela, o pesar do abandono dos pais, as dificuldades de aceitação na escola e a objeção por parte da sociedade de aceitá-la em qualquer emprego para labutar pela própria subsistência.

Cabe ressaltar também, o interesse das crianças pela criação de grupos divididos por gênero. O objetivo inicial era trabalhar somente no grande grupo, abordando assuntos em comum. No entanto, a percepção da importância de separar em grupo de meninos e meninas, só enriqueceu as discussões, pois os deixou mais à vontade para expor questões íntimas e pessoais. Esses momentos foram responsáveis por estabelecer laços de confiança, contribuindo até mesmo para relato de abusos sofridos por uma das meninas, antes nunca revelados. Esse caso específico foi notificado aos órgãos responsáveis para devida averiguação.

Creemos que o mais importante dos resultados obtidos, foram as mudanças no comportamento das crianças, bem como maior capacidade de se comunicarem e de expressar suas emoções. Isso demonstra a importância de trabalhos como este para a promoção de saúde, prevenção e denúncia de abusos, bem como para colaborar para criação de uma rede de apoio a crianças e adolescentes na descoberta de sua sexualidade.

Referências

ANDRY, Andrew C.; SCHEPP, Steven. De onde vêm os bebês. In: **De onde vêm os bebês**. 1988.

ARCARI, C. **Pipo e Fifi**: Prevenção de violência sexual na infância. São Paulo, SP. 2013.

BALISCEI, J. P.; CALSA, G. C.; JORDÃO, V. H. O Homem-Malbec e a construção visual da masculinidade. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 18, n. 37, 2016.

BORGES, M. V. Um mal-estar na educação: uma revisão psicanalítica sobre as questões da sexualidade humana e como a educação se imbrica neste processo. **Revista FAROL**, v. 8, n. 8, p. 384-397, 2019.

BRANCALEONI, A. P. L.; DE OLIVEIRA, R. R. Silêncio! Não desperte os inocentes: sexualidade, gênero e educação sexual a partir da concepção de educadores. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. 6, 2016a.

BRANCALEONI, A. P. L.; DE OLIVEIRA, R. R. Educação sexual na promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero. **Revista ELO–Diálogos em Extensão**, v. 5, n. 2, 2016b.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Dados de violência sexual contra crianças e adolescentes**. Disponível em <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministerio-divulga-dados-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes>> Acesso em 03.09.2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Área Técnica de Saúde de Adolescente e Jovem. **Caderneta de Saúde do Adolescente (MENINA)**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Área Técnica de Saúde de Adolescente e Jovem. **Caderneta de Saúde do Adolescente (MENINO)**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **20 anos de pesquisas sobre aborto no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério do Planejamento. **Agenda 2030**. ODS – Metas Nacionais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Metas Brasileiras. Brasília: Ministério do Planejamento; 2018.

BRÊTAS, J. R.; SILVA, C. V. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 326-333, 2005.

BRINO, R. F.; WILLIAMS, L. C. D. A. Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p. 113-128, 2003.

CARDOSO, F. L. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**, 2008.

FAUSTINO, S. M.; D’AFFONSECA, S. M. *Abordando gênero por meio de educação sexual para crianças e adolescentes: um relato de experiência.*

CERQUEIRA-SANTOS, E.; BOURNE, J. Estereotipia de gênero nas brincadeiras de faz de conta de crianças adotadas por casais homoparentais. **Psico-USF**, v. 21, n. 1, p. 125-133, 2016.

COLE, B. **Mamãe botou um ovo**. Tradução de Lenice Bueno da Silva. São Paulo: Ática, 1993.

DEMARCO, T. T.; DE PAULA, M. H. P.; SCHLOSSER, A. adultização e erotização infantil: a influência social. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira**, v. 4, p. e20431-e20431, 2019.

DE SOUZA MONTEIRO, S. A.; RIBEIRO, P. R. M.. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. **Pesquisa e Ensino**, v. 1, p. e202011-e202011, 2020.

DIAS, A. B.; AQUINO, E. M. L. Maternidade e paternidade na adolescência: Algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, 22, 2006, 1447-1458.

DOWLING, C. Complexo de cinderela. In: **Complexo de Cinderela**. 1985.

FREIRE, P. 'Ideologia de gênero' e a política de educação no Brasil: exclusão e manipulação de um discurso heteronormativo. **Ex aequo**, n. 37, p. 33-46, 2018.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). A educação que protege contra a violência, 2018, Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/4091/file/Educacao_que_protege_contra_a_violencia.pdf

GLOBO NEWS. Arquivo N: Caso do assassinato da menina Araceli chocou o país em 1973. Globo.com. Disponível em <<http://g1.globo.com/globo-news/arquivo-n/videos/v/arquivo-n-caso-do-assassinato-da-menina-araceli-chocou-o-pais-em-1973/5066099>> Acesso em 10 Abr. 2017.

HABIGZANG, L. F.; KOLLER, S. H.; AZEVEDO, G. A.; MACHADO, P. X. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: Aspectos observados em processos jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 21(3), 341–348, 2005, <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000300011>

HABIGZANG, L. F.; RAMOS, M. DA S.; KOLLER, S. H. A revelação de abuso sexual: As medidas adotadas pela rede de apoio. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 27(4), 467–473, 2011, <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400010>

HAMES, C.; KEMP, A. T. Diversidade de Gênero e Sexualidade no processo formativo docente. **Revista Insignare Scientia-RIS**, v. 2, n. 1, p. 67-74, 2019.

KIM, Y. O segredo de Nara. **Youtube**. Postado em 30 de outubro de 2015. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=vgw4yj9jveQ>>. Acesso em 15 Fev. 2017.

LAGEMANN, R. Anjos do Sol. **Dailymotion**. Postado em 20 de janeiro de 2015. Disponível em < <https://www.dailymotion.com/video/x2f5vfp> >. Acesso em 25 Fev. 2017.

LOINAZ, I.; BIGAS, N.; SOUSA, A. M. Comparing intra and extra-familial child sexual abuse in a forensic context. **Psicothema**, 31(3), 271–276, 2019, <https://doi.org/10.7334/psicothema2018.351>

FAUSTINO, S. M.; D’AFFONSECA, S. M. *Abordando gênero por meio de educação sexual para crianças e adolescentes: um relato de experiência.*

LOVATTO, A. Desvendando o poder do macho: um encontro com Heleieth Saffioti. **Lutas Sociais**, n. 27, p. 110-118, 2011.

LOWENKRON, L. Abuso sexual infantil, exploração sexual de crianças, pedofilia: diferentes nomes, diferentes problemas?. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, n. 5, p. 9-29, 2010.

MACHADO FILHO, H. Glossário de termos do objetivo de desenvolvimento sustentável 5: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. [Brasília, DF]: **ONUBR**, 2016. Disponível em < <http://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/documentos-de-referencia>>. Acesso em 31 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Global plan of action: Health systems address violence against women and girls** (WHO/RHR/16.13). Article WHO/RHR/16.13, 2016, disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/251664>

PADILLA, H. **Saúde e Sexualidade de Adolescentes**. Organização Pan-Americana de Saúde. Ministério da Saúde. 2017.

PEIRCE, K. Meninos não Choram. **Youtube**. Postado em 19 de outubro de 2016. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Z1we6cwiQzg>>. Acesso em 03 Mar. 2017.

PINTO, A. D. V.; AMARAL MADUREIRA, A. F.. PORNOGRAFIA E QUESTÕES DE GÊNERO: UM OLHAR CRÍTICO DO PODER PEDAGÓGICO DAS IMAGENS NA CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES. **Programa de Iniciação Científica-PIC/UniCEUB-Relatórios de Pesquisa**, n. 3, 2018.

POMBO, M. F. Desconstruindo e subvertendo o binarismo sexual: apostas feministas e queer. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 7, p. 388-404, 2017.

SÃO CARLOS. Subnotificação dos casos de abuso e exploração sexual infanto-juvenil ainda é grande. **Portal de notícias Município São Carlos**. Disponível em < <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2018/172139-subnotificacao-dos-casos-de-abuso-e-exploracao-sexual-infantojuvenil-ainda-e-grande.html>>. Acesso em 03 Mar. 2018.

TAVEIRA, F.; FRAZÃO, S.; DIAS, R.; MATOS, E.; MAGALHÃES, T. O abuso sexual intra e extra-familiar. **Acta Médica Portuguesa**, 22(6), 759-66, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual and Reproductive Health of Women Living with HIV / AIDS: Guidelines on Care, Treatment and Support for Women Living with HIV / AIDS and Their Children in Resource-Constrained Settings**. WHO / UN-FPA, Geneva, 2006.

ZAMBON, M. P.; ÁVILA JACINTHO, A. C. DE; MEDEIROS, M. M. DE; GUGLIELMINETTI, R.; MARMO, D. B. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: Um desafio. **Revista da Associação Médica Brasileira**, 58(4), 465–471, 2012, <https://doi.org/10.1590/S0104-42302012000400018>

Enviado em: 20/agosto/2019 | Aprovado em: 28/agosto/2020